



**PROFESSOR CATEDRÁTICO EMÉRITO
ILÍDIO ROSÁRIO DOS SANTOS MOREIRA
(1936-2011)**

**Por António Manuel Dorotêa Fabião
(Professor Associado com Agregação do
Instituto Superior de Agronomia)**

Em Memória de Ilídio Moreira

Corria o final do Verão de 1968 quando entrei pela primeira vez no Instituto Superior de Agronomia (ISA) para me inscrever no primeiro ano. Já não me recordo exatamente da data, mas deve ter sido por Agosto ou Setembro, com a alma cheia do prazer de um Verão de praia e o corpo tisonado do Sol (pois, sou “branquelas”, mas nesses tempos ainda me bronzeava bastante com um Verão de praia).

Vinha de um Liceu – o Liceu Nacional de Oeiras – onde frequentemente se confundia intimidação de gaiatos com preservação da disciplina: qualquer deslize, por pequeno que fosse, dava direito a suspensão com discurso mais ou menos conservador, os contínuos eram auxiliares da repressão e não auxiliares de educação, e o chefe da secretaria tratava crianças e adolescentes por “Oh sua besta!” sempre que o impresso das propinas lhe era entregue mal preenchido. Outros tempos!... Queira Deus que não voltem nunca mais!

Logo à entrada do edifício principal do ISA, tal como hoje, ficava a Secretaria, em frente e à esquerda. Uma senhora de aspeto e idade respeitável – a inolvidável e saudosa D. Ema, cuja simpatia e competência foram durante muitos anos uma das “imagens de marca” do ISA – disse-me com bons modos: “o senhor, se faz favor, vai ali à Associação de Estudantes comprar os impressos (ou seria a caderneta, já não me recordo), preenche-os e depois vem cá falar comigo”.

O senhor? Se faz favor? O que é isto?... Foi a minha primeira surpresa agradável à entrada para a Universidade, e uma das primeiras razões para me tornar um adepto entusiasta e incondicional do ISA e do ambiente que por lá se vivia nesses tempos. Isso, a camaradagem que se viria a criar entre os colegas e os primeiros docentes com quem tive contato.

Tive alguns professores notáveis em Oeiras, que prezo e recordo com carinho e saudade, mas infelizmente não foram a maioria. Com os outros também se aprendia, claro, e a maioria até eram bons mestres, mas os tempos eram de repressão da espontaneidade juvenil e de um falso respeito pela autoridade baseado no receio das consequências que poderia ter uma eventual irreverência. Era um “frete” que tinha de se cumprir e não deixava saudades. O ISA mostrou desde a primeira hora que era diferente, não só porque se vinha estudar o que se tinha escolhido, mas também e sobretudo pelo tratamento adulto e responsável que se dava aos alunos e deles se exigia.

Mandava a tradição da época que se tratassem os professores das teóricas por “Professor” e os docentes das práticas por “Engenheiro” (quem se lembrasse de chamar a um docente “Senhor Doutor”, como no secundário, seria logo tachado de “bimbo” por toda a gente). O Ilídio Moreira entrava, por esses tempos, na classe dos “Engenheiros”, pois era Assistente das práticas de Botânica Agrícola (as teóricas eram com o Prof. Pereira Coutinho) e regia também uma disciplina muito engraçada que existia na altura no currículo do primeiro ano do ISA, chamada Desenho Organográfico, que não tinha direito a Professor (não tinha aulas teóricas), mas apenas a Assistente.

Foi, talvez por isso – duas disciplinas com aulas práticas lecionadas pela mesma pessoa – um dos primeiros docentes do ISA com quem tive um contacto próximo. Gostava de desenhar, com ou sem jeito (nem sempre me “saía” bem, confesso), e interessava-me bastante pela Botânica – tinha em casa dos meus pais um pequeno quintal cheio de plantas que costumava observar com interesse e entusiasmo e um microscópio “de brincar” – pelo que um docente que falava connosco nas aulas e respondia com boa vontade às perguntas ingénuas que a frequência do primeiro ano do ISA parece eternizar (ainda hoje é assim, graças a Deus!) tinha de me “cair no goto”.

O Eng.^o Ilídio era, no meu juvenil imaginário, o que a gíria da época mandava que se chamasse mais ou menos carinhosamente “um gajo porreiro!”. Falava connosco sem grandes formalidades e sem “armar em Professor”, e não mandava dizer por ninguém o que de mau ou de bom tivesse para comentar. Sempre apreciei e me dei bem com pessoas assim. Ocasionalmente, a espontaneidade com que se expressava chegou a dar origem a uma ou outra situação caricata que alguns colegas dessa época são capazes de ainda recordar.

Por outro lado, preocupava-se connosco e recordo-me de me chamar um tanto à parte para me dar conta de uma classificação apenas mediana num teste, mitigando o relativo

insucesso (a nota era, ainda assim, positiva) com uma apreciação favorável à minha maneira de escrever e à minha capacidade de síntese. Nessa altura, a sua atitude e o que disse fizeram por mim tanto ou mais do que teria feito uma classificação mais alta, e fiquei mesmo a achar que valia a pena esforçar-me um pouco mais. Foi coisa de Mestre, como se costuma dizer, e fiquei a dever-lhe um encorajamento de cuja importância para mim, provavelmente, nem ele se terá apercebido na altura. Era um ambiente novo e diferente e soube-me bem verificar que alguém prestava atenção ao que eu andava a fazer.

Anos mais tarde – e hoje parecem-me tão poucos como me pareceram muitos nesse tempo – já Assistente Estagiário do ISA e sendo ele Professor, foi um dos primeiros a aproximar-se de mim, a tratar-me como colega, a dar azo a um tratamento familiar entre nós e a falar-me de questões profissionais e sindicais, da necessidade de participarmos na gestão do ISA e de nos envolvermos em questões que eram do nosso interesse. Fê-lo com argumentos profissionais e de cidadania, que lhe deram uma dignidade e um crédito que provavelmente não teria tido de outra forma. Foi com ele que me sindicalizei e julgo que acabámos por ficar os dois (pelo menos eu fiquei) com os números de inscrição no Sindicato mais baixos do ISA.

Viríamos a ter várias vezes oportunidade de trabalhar em conjunto, e recordo sobretudo os anos mais recentes, num projeto de experimentação e demonstração que coordenou e na cooperação com outros Países de expressão portuguesa, designadamente com Cabo Verde e Angola. Entendíamos-nos bem e essas oportunidades de colaboração foram sempre um prazer para mim. Guardo com especial apreço algumas fotografias que tirei com ele em Angola, quando lecionámos em conjunto uma disciplina do Curso de Mestrado em Agronomia e Recursos Naturais, em colaboração entre a nossa Universidade e a Universidade Agostinho Neto. Reproduzo, neste depoimento, algumas delas, recordando o que então me ensinou sobre a vegetação de África, que eu não conhecia de todo.

O Ilídio – sei que não me levaria a mal a familiaridade, que ele próprio encorajou – marcou a minha juventude como estudante do ISA, a minha formação profissional, o prazer que tive e ainda vou tendo em viver e trabalhar no ISA e, em boa medida, a maneira como vim a encarar a vida depois de concluir a licenciatura. Isso me basta para o considerar um dos meus Mestres e para julgar que lhe devo este testemunho de consideração e amizade, por modesto e desajeitado que possa parecer a quem o ler.



Numa breve visita a Tunda Vala, perto do Lubango, em Julho de 2004, no contexto do Curso de Mestrado em Agronomia e Recursos Naturais



Uma rápida recolha de plantas no regresso de uma viagem de fim-de-semana ao Namibe, já perto do Caraculo (Julho de 2004)

Fonte: Testemunho publicado no livro "Gestão e Conservação da Flora e da Vegetação de Portugal e da África Lusófona" In *Honorium* do Prof. Catedrático Emérito Ilídio Rosário dos Santos Moreira, apresentado no ISA em 21 de junho de 2012.